

O NOVO CONTADOR DE HISTÓRIAS: ORALIDADE, PERFORMANCE E IDENTIDADE¹

Prof^a Dr^a Maria de Lourdes Patrini (UFRN)

Paul Zumthor, em a *Introduction à la poésie orale*, assinala a presença de uma das figuras do contador no imaginário coletivo, uma das mais misteriosas, aquela do contador cego. Esta imagem esclarece a metáfora, segundo a qual o contador é aquele que « faz ver » e a quem « a comunidade confiava miticamente a detenção da Palavra Primeira ».

Hoje, na aurora do terceiro milênio, estas representações do contador e da ‘parole conteuse’ seguem no imaginário dos homens e acompanham, às vezes como uma obsessão, os novos contadores de história.

No final dos anos 60, na França, os primeiros sinais de uma renovação da arte de contar, do conto oral e do surgimento de um novo contador parece coincidir com o movimento « de prise de parole ».

Este estudo da transmissão oral do conto pelos novos contadores na França, durante as três últimas décadas do século XX, faz um percurso, sobre uma interface disciplinar, do domínio da análise interpretativa dos jogos de linguagem a aquela das representações sociais dos contadores. Minha reflexão focaliza-se sobre a palavra do novo contador, sobre as bases do contrato narrativo apoiadas em um saber compartilhado e na troca entre locutor e receptor. O contador é a pessoa-sujeito desta pesquisa, sua busca de identidade através de sua performance constitui nosso objeto de análise. Assim, num movimento onde se cruzam a teoria e o método articulam-se as questões : Quem é o contador de histórias hoje ? Qual é a sua maneira de contar ? O *corpus* analisado compreende as entrevistas e narrativas de vida - contadores e receptores- (registro em áudio), a observação *in situ* das sessões de contos (registro em vídeo). A aplicação de uma metodologia de análise antropológica e sociológica, tendo como base uma filosofia hermenêutica, foi caminho para se chegar ao perfil do contador, de suas novas performances e para compreender os novos apelos de nossa sociedade espetacular².

Assim nesta pesquisa, a pessoa do novo contador é o produto e o agente do fenômeno da renovação do conto. Ele é o executor das transformações da maneira pela qual se transmite o conto, assim como de suas transformações. Ele representa uma das vias e uma das vozes portadoras da oralidade e da riqueza dos significados que o homem parece reclamar. Ele é portador de uma identidade subvertida pelas transformações de nossa época, pois seu discurso é sempre histórico. Os novos contadores enfrentam o desafio dos novos tempos, adaptam às novas condições de vida e, de

¹ Este texto faz parte de minha tese de doutorado defendida na E.H.E.S.S., na França e publicada com o título: *Les conteurs se racontent*. Genebra, Editions Slatkine, 2002. 320p.

² Guy Debord em seu livro : *La société du Spectacle*, assinala: “ Le spectacle est le moment où la marchandise est parvenue à l’occupation totale de la vie sociale. Non seulement le rapport à la marchandise est visible, mais on ne voit plus que lui : le monde qu’on voit est son monde (1992 : p.39-40).

uma maneira dinâmica, a bagagem cultural de que são portadores. Ao mesmo tempo em que eles se ligam às tradições, tentam preservar a identidade dos traços da história.

Alguns tentam estabelecer uma ligação direta entre as transformações agudas das sociedades modernas e a maneira de desempenhar sua profissão de contador ou contadora de histórias. Outros atribuem aos avanços tecnológicos e aos meios de comunicação de massa a exigência de novas formas de arte. « O mundo do contador de hoje é um mundo do "vir a ser", duro e maravilhoso, frágil e promissor, diz a contadora Hélène Loup, em entrevista.

O fenômeno da renovação do conto resente a falta de uma organização, eventualmente política. Os contadores não podem se refugiar neles mesmos, eles estão ao contrário, num campo onde a interdependência de todos deve ser observada seriamente, pois o indivíduo não existe como entidade autônoma, independentemente de seu meio social. A representação de si se constrói, com o cruzamento de interações diversas, nós seremos nós mesmos na troca com aqueles com os quais convivemos, que fazem de nós isto que nós somos. (Kaufmann, 1988b).

De maneira geral, os contadores procuram ainda, sobre um terreno movente, correndo os riscos de uma modernidade aguda, seu percurso pessoal. Todos se servem da palavra solidária, mas muitos deles a utilizam de forma solitária.

Se, de início, nós podemos dizer que, apesar das múltiplas transformações, o conto oral é o mesmo, que ele está ligado ainda na maioria dos casos às suas fontes medievais, nós devemos admitir igualmente que a maneira que ele é transmitido é tão diversa quanto são diversos os espaços onde ele é contado, hoje em dia, pelos novos contadores de histórias.

O célebre artigo da antropóloga Veronika Görög *Qui conte em France aujourd'hui? Les nouveaux conteurs*, fala dos novos contadores como d'un corps de métier, d'une collectivité professionnelle en formation » (1982: p.107). Hoje, após quase duas décadas, nós constatamos que é, sobretudo, o individual e o pessoal que prevalecem e que será a performance individual que atribuirá a cada um a identidade e a qualidade do contador.

A história da família e a proximidade do conto europeu e francês, não são suficientes para os novos contadores. É preciso se estudar a prática da transmissão oral que acompanha a história da humanidade.

As leituras, as reflexões teóricas e a pesquisa de campo confirmam esta urgência, mas é preciso igualmente que os contadores encontrem um espaço de reflexão. O contador Bruno de la Salle confessa que, desde que ele frequenta o mundo dos contadores, ele jamais conheceu uma pesquisa artística de grande amplitude. Algumas tentativas foram e continuam sendo feitas, mas o caminho parece ainda não ter sido encontrado. Neste sentido, fica claro, que a falta de tal trabalho vai sem dúvida, retardar a tomada de consciência de sua identidade assim como da definição de seu papel na sociedade.

A tentativa de dominar a modernidade, ou ao menos de encontrar os meios de minimizar seus perigos e de maximizar suas vantagens (A. Giddens, 1984), exige dos homens uma prestação que escape mesmo ao seu controle. O artista é “forçosamente a matéria desta contemporaneidade (...), experiências múltiplas atravessam sua vida”; assim se exprime um contador.

“(...) o mundo pede coisas mais sofisticadas... há uma exigência espetacular que o conto deve satisfazer”. Desta forma, a contadora Edith Mac Leod tenta estabelecer uma ligação direta entre as transformações das sociedades modernas e a maneira de exercer a sua profissão de contadora.

Se estas palavras atribuem aos avanços tecnológicos e aos meios de comunicação de massa a exigência de novas formas de arte, outros contadores colocam em questão o aspecto racional e comercial que os contadores vivem. Segundo a contadora Hélène Loup, os contadores estão divididos entre “o individualismo, a necessidade de confrontar suas pesquisas e os imperativos econômicos (...) [sobre um] mercado difícil e muito diverso”.

Isto nos dá uma idéia da consciência que o contador possui sobre o seu “savoir faire” e seus imperativos³, embora permaneça sempre no seu discurso uma tendência à esperança, à resistência, ao desejo de reconhecimento. As palavras de Pepito Mateo transmitem considerações sobre as quais a maioria dos contadores endossa. Assim se manifesta o professor de arte dramática e contador de histórias: “é preciso que o artista seja onipresente no mundo de amanhã, que ele tenha um lugar muito importante como ele teve sempre e que ele não seja somente vítima do mundo da rentabilidade. Porque o artista é um homem que mostra sua imagem e que revela aos homens o que eles são, que mantêm a tradição através do seu fazer e das transformações que dele decorre”.

Ao mesmo tempo em que constatamos um certo entusiasmo dos contadores face à demanda, a presença de uma certa angústia se faz mais e mais nítida. Percebemos uma série de hesitações, de dúvidas, de frases e de palavras recorrentes, e ainda “há um tipo de frivolidade e de conforto, de prudência excessiva” em seus discursos, considera o contador de histórias Bruno de la Salle.

Se por um lado, o contador constata esta realidade e quer reafirmá-la através de uma palavra pessoal, por outro lado, ele parece ressentir um certo constrangimento para emitir seu ponto de vista sem ter outras vozes de apoio. Ele parece frágil. Ao mesmo tempo em que se apropria da palavra, ele pode viver a experiência da perda. O contador é mais solitário na sua ‘errância’, menos portador de sabedoria e vive a cada encontro com seu público uma experiência de estranhamento. Os encontros entre eles existem, mas isto não substitui a necessidade de uma verdadeira integração, de trocas para traçar uma crítica eficaz.

³ Ver a este respeito o livro de Guy Debord, *La Société du Spectacle*, onde ele assinala que: « C’est tout le travail vendu d’une société qui devient globalement la marchandise totale dont le cycle doit se poursuivre. Pour ce faire, il faut que cette marchandise totale revienne fragmentairement à l’individu fragmentaire, absolument séparé des forces productives opérant comme un ensemble. » (grifos do autor)

A linguagem se focaliza sobre o emissor, revelando sua emoção através de exclamações e interpretações. É uma linguagem subjetiva, onde prevalece a primeira pessoa do singular. No discurso do contador, podemos levantar diversas funções de linguagem: emotivas-expressivas e metalingüísticas. A predominância de uma ou de outra se alternam no discurso. Estas duas funções são às vezes acompanhadas por ambigüidades e duplicidade de sentido.

As palavras e as frases recorrentes são freqüentemente carregadas de emoção, marcadas de início por uma interjeição, seguida por uma negação. As negações representam a intenção de diluir a responsabilidade sobre sua fala, evidenciando igualmente a sensação de risco sentida a cada vez que o contador toma a palavra e exprime conceitos a respeito de si, de sua arte e de seu grupo social. Estas negações são seguidas por palavras-chaves que circulam no texto através de repetições constantes. Elas são expressões que reforçam o sentido de hesitação e o receio de um comprometimento, elas fazem justiça à fala extremamente solitária dos novos contadores.

Atualmente, os homens em geral, e também os contadores de histórias, vivem em um mundo de dispersão dialeticamente ligada à integração mundial e onde o ‘eu’ é um simples ponto de integração de diferentes forças. A identidade do grupo não existe na prática social dos contadores de histórias.

Suas histórias de vida nos confirmam que nem todos começam a contar histórias da mesma maneira, o que os diferenciam sobremaneira dos contadores rurais, que são mais marcados por uma pré-definição social de seu papel.

Este fenômeno subverte o quadro das transformações entre os contadores de histórias. De toda maneira, mesmo se o conto é transmitido através da oralidade contemporânea, as suas funções não são as mesmas de antes. Além da simples apreciação estética, o conto terá sempre funções mais largas, pois é assim que a prática de contar é renovada⁴.

Assim, antes de elaborar uma definição sobre o contador de hoje, vamos escutar Bruno de la Salle, que entre as pessoas interrogadas é um dos mais antigos contadores do movimento de renovação do conto, na França. Ele nos conta que depois de vinte e cinco anos de atividade, ele ainda se pergunta o que é um contador hoje e o que nós esperamos dele. Esta questão continua a ser colocada, mas ele diz que, desde o início de 1977, “o nome contador” se impõe.

Entre as aceções mais recorrentes, contidas nas falas dos entrevistados, ressalto a do contador como testemunha, isto é, alguém que serve como referência. Assim nos fala Michel Hindenoch. « A arte do contador consiste antes de tudo a produzir uma versão pessoal dos fatos que

⁴ Jean-Noël Pelen dans son article « Du conte traditionnel au néocontage, étapes d’une évolution (exemples méridionaux) », publié dans *Le Renouveau du Conte*, Paris : CNRS, 1991.- pp. 123-139, souligne « Dans les Cévennes (...) on rencontre chez ces néoconteurs des mineurs, des artisans, des paysans. (...) Le conte retrouve un sens immédiat, littéral, sans que l’on interroge sa « profondeur ». C’est plutôt l’acte de conter qui se modifie, en devenant rituel de célébration identitaire. »

ele relata, esta é uma arte de testemunho”. A contadora escocesa Fiona Macleod defende o mesmo ponto de vista: “ Para mim, ser contador ou contadora, é refletir, experimentar, testemunhar, a ‘parole conteuse’”

Esta definição de contador como testemunha é ainda desenvolvida por outros contadores. Quando se trata de se fazer uma classificação, entre amadores e profissionais, a maioria diz que é muito difícil se chegar a um resultado justo. Eles ressaltam que o mais importante não é a classificação, mas o compromisso que cada contador deve ter em assegurar um certo nível, sendo capaz de fazer um espetáculo correto em todas as circunstâncias.

É preciso esclarecer que os contadores de história na França são vistos como trabalhadores independentes, que se declaram artistas do espetáculo, mas esta definição não satisfaz aos novos contadores, conforme palavras da contadora de histórias e bibliotecária Anne Kiss.

As falas assumem direções diferentes, mas elas são unânimes quando se referem à situação de fragilidade e instabilidade que vive este contador. Há, às vezes entre elas, pontos em comuns. Elas denunciam a necessidade a qual se deparam os contadores a cada novo espetáculo. O contador da modernidade deve ser capaz de se adaptar a situações diferentes, encontrando sempre o seu equilíbrio. O desafio é uma constante. Com isto se explica a comparação que muitos deles fazem com a figura do “equilibrista” (“funambule”) que me parece não só pertinente, mas e, também, uma palavra-chave que explica e esclarece a busca de identidade presente no percurso dos novos contadores durante as últimas três décadas do Século XX.

As palavras do contador Bruno Walerski aprofundam as relações do contador com a imagem do equilibrista : « Il marche sur son fil, s’il marche sur son fil à deux mètres de hauteur, il va faire des pirouettes, il va s’amuser, lorsqu’il marche à cent mètres de hauteur, lorsqu’il y a du vent il n’a pas la même attitude. Et pourtant il va marcher, c’est là qu’est la différence peut-être. » Catherine Zarcate compartilha com o seu colega um parecer semelhante.:

« Pour moi l’image secrète du conteur, la voici... il est debout en équilibre sur un cheval emporté au grand galop. Ce cheval est sa mort. Et là-haut, le conteur chante et rit et danse la vie... »

Assim, entre a poesia e a denúncia, ela deixa claro que os contadores devem estar prontos a enfrentar, no seu fazer artístico, as situações mais diversas e adversas. Desta forma, ele conhece a instabilidade, e sua arte parece efêmera, pois ela é o produto de uma modernidade radicalizada, de uma sociedade onde as transformações são inevitáveis e necessárias, e que exige que o reconhecimento seja uma busca diária⁵.

Pepito Mateo define o contador como alguém que tem como prática a narração, o que não significa estar especialmente numa prática artística que supõe forçosamente a representação. Mas o

⁵ Aqui, nós vemos quanto ele é diferente do contador tradicional que vive o reconhecimento, a permanência de sua arte, a segurança e o seu papel social bem determinado.

contador, explica ele, pode se adaptar a diferentes espaços, diferentes atividades, diferentes experiências para contar uma história. Ele é alguém que pode intervir de diferentes formas em sendo ele mesmo o autor, e tendo forjado seu próprio repertório. As palavras de outra contadora recaem sobre esta reflexão de forma precisa quando ela assinala que ser contador hoje significa se adaptar às condições do fio e da altura e ser criador, artista, animador, intermitente de espetáculo, comediante.

O novo contador trava no exercício de sua profissão uma batalha de resistência. Para continuar é preciso estar disposto a fazer tudo. A falta em nossa sociedade de uma voz portadora de sabedoria exige do contador uma prestação permanente. Diferentemente do contador tradicional, ele não é um escolhido e assim ele não pode se beneficiar de uma aprendizagem natural como antigamente. Atualmente, o contador se confronta, como muitos homens, com a busca de sua identidade profissional. Contar tornou-se uma profissão e da mesma forma que um outro profissional, o contador de histórias precisa saber vender sua arte, ganhar sua vida, enfrentar o consumo, o mercado. Vivendo em uma ‘sociedade do espetáculo’, ele tem que encontrar a qualquer preço o seu lugar, ele não escolhe, ele tenta sobreviver.

Assim como o equilibrista ou a Shérazade de *As mil e uma noites* ele, o novo contador, vive em nossa sociedade espetacular a ‘vertigem’. Ele deve se sentir sobre o fio, ele deve encontrar um caminho, se adaptar ao fio da história, ao fio do contexto, ao fio da vida. Adaptar-se significa de um lado o desejo do contador de revelar que ele é um artista singular, um artista polivalente. Do outro lado, a mesma expressão confirma que hoje o contador está isolado, sem mestre, sem escola, sem um guia. Assim como o equilibrista, ele deve se manter a qualquer custo sobre o ‘fio’.

Enquanto uns insistem, em uma realidade movente, para encontrar os signos da identidade de contador através de uma visão de grupo, outros preferem se voltar para sua história pessoal, o que vem confirmar a sua solidão. Outros ainda usam expressões poéticas para definir o contador a partir de uma visão idealizada. Algumas contadoras reivindicam o aspecto libertador, a possibilidade de atingir a plenitude, a oportunidade de compensar uma falta enquanto mulher.

A diversidade das respostas dos contadores confirma certas características: eles têm origens diferentes, não pertencem a uma sensibilidade literária ou política idêntica, e, através das entrevistas, nós constatamos que eles narram histórias de vida e de percursos profissionais particulares, mas como nós podemos demonstrar, a maioria são da mesma geração. Assim, apesar de toda diversidade, as semelhanças também se manifestam. Suas palavras se cruzam mesmo na ambivalência, mesmo na contradição. Dois aspectos são evidentes: a solidão do contador e a busca através de soluções pessoais. Estes aspectos estão presentes, em cada resposta, de maneira mais ou menos explícita. Eles reaparecem como leitmotiv.

Os contadores ressaltam esta falta de guia ou de mestre no movimento da renovação do conto e na arte de contar de hoje. Para alguns deles a renovação do conto é um vaso ainda estreito. Ser contador é uma aventura: “on est devenu professionnel... um pari...une sorte de tiraillement entre les conteurs.”, nós não temos referências, nós somos órfãos, nós vivemos Tateando. A contadora Muriel Bloch complementa: nós somos órfãos da tradição oral, eu preciso descongelar as palavras, buscá-las nos livros e transformá-las em minhas.

O contador do final do século XX é um “contador forasteiro, aventureiro e nômade⁶”. Os novos contadores de histórias vivem e exercem sua profissão entre o deslocamento e a re-localização; entre a intimidade e o impessoal, entre a especialização e a re-apropriação; entre o particularismo e o engajamento⁷.

⁶ Expressão utilizada pelo contador Michel Hindenoch na sua entrevista.

⁷ Ver o capítulo : « Les systèmes abstraits et la transformation de l'intimité » dans l'œuvre d'Anthony Giddens : *Les Conséquences de la modernité*, Paris : L'Harmattan, 1994.- pp.119-156